

Transexualismo: um estudo de caso da avaliação à cirurgia

1

Sérgio José Alves de Almeida*
Fúlvio Rogério Garcia**
Karina Paula Watanabe***

RESUMO

O estudo da identidade cruzada tomou um novo impulso no país em 1997, depois da liberação, pelo Conselho Federal de Medicina, da cirurgia de transgenitalização. Este trabalho tem como objetivo a análise de um transexual da cidade de Mirassol, 30 anos e que tem sob sua guarda um menino de 7 anos. A análise do caso foi feita através de visitas domiciliares, entrevistas individuais e familiares, realizadas pelo departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Famerp de São José do Rio Preto. Foi possível verificar através do estudo que o presente caso apresenta os principais fundamentos teóricos do estudo da transexualidade: isto é, a questão da identidade, da orientação sexual e dos papéis sócio-sexuais.

* Médico Psiquiatra, sexólogo. Professor Adjunto Doutor da FAMERP.

** Acadêmico da FAMERP. Auxiliar voluntário do Programa de Transgenitalização.

*** Acadêmico da FAMERP. Auxiliar voluntário do Programa de Transgenitalização.

Recebido em 16.03.00

Aprovado em 06.04.00

HISTÓRICO

E.J.R.;, conhecido como "Lia", sexo masculino, 31 anos de idade (12/01/69), branco, nasceu na cidade de Mirassol, interior do estado de São Paulo. Parto normal, apresentou as viroses comuns da infância, falou e andou dentro do prazo esperado. Desenvolveu-se até os quatro (4) anos de idade como um menino comum, não tendo nada que chamasse a atenção dos pais. Por essa época passou a dar preferência a brincar com meninas, não querendo se relacionar com meninos. Em seu aniversário de quatro (4) anos, pela primeira vez, pediu bonecas como presente, recusando brinquedos considerados masculinos.

A partir desta data, passou a brincar exclusivamente com meninas ou pessoas idosas. Os gestos e comportamentos passaram a ser femininos, começando a se dedicar às tarefas domésticas, "como uma verdadeira mulher". Passou a colocar roupas femininas e sapatos de salto alto, que retirava do armário da mãe, sempre que os pais estavam ausentes. Também gostava de colocar toalhas na cabeça, que faziam às vezes de peruca ou turbante.

Aos doze (12) anos, já bastante efeminado, furou ambas as orelhas, passando a usar um par de brincos, de características femininas.

Nesta época, já se sentia diferente de todos, não se identificava com os garotos, e sim com as meninas, mas como apresentava um órgão genital masculino, não conseguia definir com clareza o que seria realmente.

Aos quatorze (14) anos passou a sentir forte atração afetiva e sexual por um vizinho, mas foi só após passado um ano que o vínculo veio a se formar realmente. Relata que quando "ficaram" pela primeira vez, houve apenas alguns "amassos".

Na manhã seguinte se sentiu totalmente "perdido", sem compreender realmente o que havia acontecido.

Este relacionamento durou por dois anos, sempre escondido, pois o medo dos familiares descobrirem era muito forte. "Lia" passou então a ter amigos homossexuais. inclusive levando-os para sua casa. Dessa convivência percebeu que também era diferente deles, apesar de não saber explicar bem em que se baseava a diferença.

Em torno dos dezessete/dezoito anos, teve real consciência que odiava seu pênis, ele não servia para nada em sua vida e seu maior desejo passou a ser uma transformação física, com mudanças para o sexo feminino.

Desta forma "Lia" não se via nem como homem, nem como mulher, nem como homossexual. Seria um "objeto raro" (sic), que não se enquadrava em nenhuma categoria. Sua única certeza era a de que queria ser mulher.

Para que isto se realizasse deu início à sua transformação. Passou a deixar crescer os cabelos, usar roupas "unisex" e a tomar hormônios, que comprava livremente em farmácias. A partir desta data, a vida familiar, que era praticamente calma passou por grandes mudanças.

Seu irmão passou a espalhar a notícia por toda a cidade e seus amigos desapareceram como por encanto. A mãe, tentou ser complacente e ajudá-lo mas não sabia como. Apenas o aconselharam a procurar um médico. O pai (segurança) chegou ao ponto de querer matá-lo. "Fui eu quem fiz. Eu mato; depois eu vou para a cadeia e saio" (sic). Só se acalmou quando após recorrer a uma entidade espírita, esta o aconselhou a aceitar os fatos, pois, do contrário, "poderia bagunçar toda a sua vida".

Sucederam-se alguns "namorados", que segundo relata, só queriam saber de sexo. Nestas relações, "Lia" não usou seu pênis para nada, nunca assumindo papel ativo. Em realidade dizia ter "nojo" do pênis e só tocá-lo, em última necessidade, para higienização, visto sempre urinar sentada. Nunca se masturbou ou deixou que qualquer outra pessoa visse ou tocasse seu órgão sexual.

Aos 22 anos de idade conheceu um caminhoneiro de 26, separado da mulher, com uma filha, e teve início um relacionamento que dura até a presente data. Os dois passaram a viver juntos, em uma edícula construída nos fundos da casa dos pais de "Lia", "como um casal normal" (sic). "Lia" adotou a partir daí a indumentária feminina, modismos e gesticulações, passando a viver como "uma verdadeira mulher" (sic).

Nos anos seguintes abriram um bar, o qual "Lia" passou a gerenciar enquanto o "marido" viajava. Também com consentimento judicial obtiveram a guarda de um menino, filho de uma amiga, hoje com 7 anos de idade. O garoto os vê como um casal e os chama respectivamente de pai e mãe.

EVOLUÇÃO DO CASO

Em 1998, através de material publicado em jornais da região, "Lia" tomou conhecimento do trabalho do "Serviço de Mudança de Sexo", que estava atuando na Faculdade de Medicina de Rio Preto, (FAMERP), SP.

Imediatamente procurou o serviço, sendo submetida a uma entrevista, da qual participaram o cirurgião chefe (Urologista - Dr. Carlos Cury), Psicóloga (Jaqueline Pinto) e Psiquiatra/Sexólogo (Dr. Sérgio Almeida).

Como o caso "indicava" ser de transexualismo, foi encaminhada à avaliação de rotina. Inicialmente foi orientada a participar de um grupo, com outros candidatos, que se realiza às segundas-feiras das 8 às 10h. Frequentou por um ano e oito meses o grupo, período então em que passou a tomar hormônios sob orientação médica especializada, tornando-se mais feminina ainda. Os testes genéticos e hormonais deram compatíveis com sexo masculino. No grupo foi feita toda a avaliação psiquiátrica, sexológica e fatores de identidade.

A seguir foi encaminhada ao Serviço de Psicologia, aonde a submeteram aos testes: MMPI; WAISS; BECK; IDATE; HTP. Houve também consultas na otorrino plástica, dermatologia e fonoaudiologia. O Serviço Social se incumbiu dos contatos familiares.

Em setembro de 1999, foi submetida a cirurgia de transgenitalização, pelo Prof. Carlos Cury, urologista no Hospital de Base da Faculdade de Medicina de Rio Preto. Recebeu alta hospitalar após uma semana, não tendo havido complicações pós-operatórias dignas de registro. O período de curativos locais foi de aproximadamente três meses. Foram feitos dois "reparos" para melhora da estética local.

Atualmente faz acompanhamento clínico e psicológico com a equipe da FAMERP.

ANÁLISE DO CASO

O presente relato nos trás um caso de identidade cruzada, ou seja, uma identidade feminina, em um corpo, sob todos os pontos de vista, masculino. Encontramos nele dados básicos que envolvem o transexualismo como a não adequação da orientação sexual ao sexo fisiológico, e o não uso do pênis, a não ser para função fisiológica. Outro fator a ser comentado é que "Lia" nunca se julgou homossexual, embora tivesse atração afetiva e sexual sempre por homens. Sempre se considerou muito diferente deles, assim como também se sentia muito diferente dos heterossexuais. Organicamente era perfeitamente masculino, não existindo qualquer forma de ambigüidade genital. Desde bastante jovem já se definia como tendo "uma mulher dentro de mim"; "esse pênis é um estorvo, não sei o que ele faz aí, só traz infelicidade para a gente"; "só é feliz quem assume mesmo e vira mulher total".

"Lia" apresentou uma aderência completa ao grupo de avaliação no qual foi colocada, nunca faltando as sessões. Quando chegou a FAMERP, já "vivia" como mulher, vinte e quatro horas por dia, há pelo menos dez anos, inclusive tinha "marido" e "filho" (guarda). Os testes psicológicos a que foi submetido, avaliados em escalas masculinas e femininas sempre foram favoráveis a um perfil feminino, bem distante do perfil masculino. Houve indicação de cirurgia pela equipe, tendo essa sido realizada, em setembro de 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, S. J. A. *Transgênero e análise social*. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Rio de Janeiro: Anals, 1999.
2. ALMEIDA, S. J. A. *Transexualismo – Aspectos psicológicos*. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Rio de Janeiro: Anals, 1999.
3. ALMEIDA, S. J. A. *Transgênero e análise social*. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Rio de Janeiro: Anals, 1999.
4. ALMEIDA, S. J. A. *Construindo o Imaginário: a Autorização para ser "mulher, heterossexual e ortodoxa"*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, vol. 10, n. 1, 1999.

5. ALMEIDA, S. J. A. *Transexuais: anjos ou demônios?* Revista Terapia Sexual – Clínica – Pesquisa e Aspectos Psicossociais, vol. II (1), 1999.
6. GOLDBERSON, R. N.; ANDERSON, K. N. *Dicionário de sexo*. São Paulo: Ática, 1989.
7. NEIRA, O. G. *Explorando las sexualidades humanas*. Trilhas de México, México, 1997.
8. PICAZIO, A. *Sexo secreto – Temas polêmicos em sexualidade*. São Paulo: G.L.S., 1999.
9. RAMSEY, G. *Transexuais – perguntas e respostas*. São Paulo: G.L.S., 1998.